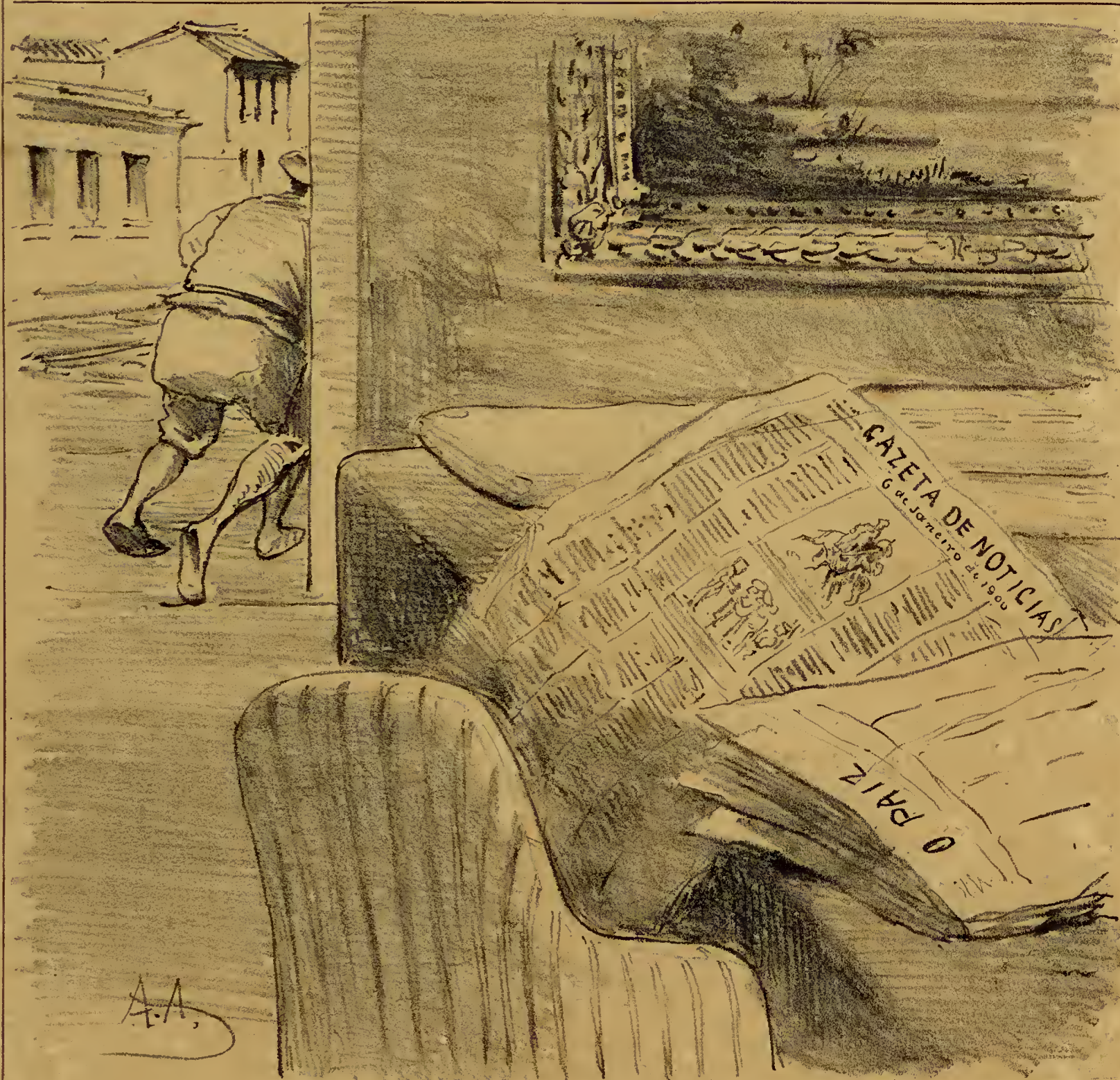


DON QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini

Largo da Carioca Nº 4 (Sobrado)



Temos começar o nosso trabalho semanal, quando vimos na Gazeta de hoje a prisão dos reis Magos. Oh! Diante de um caso tão extraordinário, saímos imediatamente para indagar do caso.

(Continua na 3ª pagina.)

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 6 de Janeiro de 1900

Escritorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4

SOBRADO

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000			

EXPEDIENTE

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E AOS QUE O
QUEREM SER

Pedimos aos nossos assignantes dos Estados a bondade de mandarem reformar suas assignaturas, ou por intermedio de seus correspondentes n'esta Capital, ou por meio de carta registrada com vale postal do valor da assignatura.

Podem egualmente enviar a importancia da mesma em dinheiro dentro de uma carta, devendo ser esta registrada e com a declaração da importancia no envelope.

Aos assignantes d'esta Capital fazemos identico pedido.

Todas as pessoas que assignarem o nosso jornal receberão como premio alguns numeros que tratam das festas ao general Roca, por occasião de sua visita a esta Capital.

Toda correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini para o nosso escritorio—Largo da Carioca n. 4, sobrado.

AVISO

A NOSSA Estante encheu-se por tal modo e são tantos os assumptos d'estes ultimos dias, que vemo-nos na necessidade de supprimir o artigo 15 DE NOVEMBRO, para dar espaço a outros de maior actualidade.

O ANNO DE 1900

Tem apenas seis dias; pouco ou nada, se póde dizer ácerca d'esse pimpolho, que como todos os seus antecessores, se apresentou risonho e cheio de esperanças n'estes dias festivos, carregado de embrulhos contendo mimos de toda qualidade, cartuchos de finas amendoas e brinquedos a valer para as crianças, unicos entes felizes n'esta quadra pindahybesca e encaiporada.

Começou o anno dando-nos o resultado das eleições de senadores e deputados feitas

na vespera, e que provaram á evidencia o estado moral e mental da maioria dos eleitores.

A não ser alguns d'entre os eleitos que realmente merecem o honroso encargo de representantes da nação, ha outros, e talvez a maioria, que nunca deveriam fazer parte do Congresso, o que é incontestavel.

Para isto basta perguntar: Mas o que têm feito Fulano e Cierano para merecer tamanha honra?

Quaes são os serviços prestados?

Quaes os actos salientes e beneficos, qual a intelligencia, o talento, o saber de qualquer d'elles?

Os proprios cidadãos que os elegeram ficariam bem embaraçados em responder...

Está, pois, provado que nas eleições, como em tudo n'esta terra, são as mediocridades em geral que tudo conseguem em detrimento de outros, para os quaes nada valem o talento, a illustração e a honestidade.

A politicagem, a intriga e a cabala influem muito mais na maioria dos eleitores que o merito incontestavel de um candidato.

As taes eleições, portanto, não passam de verdadeiras mystificações coadjuvadas por indecentes maroteiras.

D'esta nossa opinião certamente participam os numerosos candidatos derrotados, aos quaes apresentamos as nossas condolencias.

Já que fallamos d'estas eleições, aproveitamos a oportunidade para dar os nossos sinceros parabens ao Dr. Barata Ribeiro, eleito senador, e applaudir os honrados e patrioticos cidadãos que o elegeram.

Tambem damos os parabens á Nação, que se verá representada por um cidadão cujas provas de lealdade e honestidade, energia e patriotismo são conhecidas de todos e constituem a mais bella fé de officio do bom e velho republicano.

E' uma justa compensação na balança da politica.

Os demais acontecimentos que se deram n'estes seis dias são de pouca importancia.

O anno ainda é novo. Esperemos que elle cresça e appareça.

Seja, todavia, bem vindo e que traga felicidade a este paiz, que tanto carece d'ella, assim como aos nossos assignantes e amigos, aos quaes enviamos os nossos melhores cumprimentos sem as chapas do costume.

DON QUIXOTE.

— Amen, respondeu Sancho Pança.

DOIS PREFEITOS

Com grande pezar vemos o Dr. Carijó, tão conhecido, tão popular e tão sympathico a seus amigos, dar cabeçadas como se lhe tivessem vendado os olhos.

Completamente cego n'este negocio do matadouro da Penha, os seus actos como juiz dos feitos da fazenda são tão estapafurdios, que custa a crer que partissem de um juiz em seu perfeito estado de juizo.

Com certeza o Dr. Carijó estava doente e um tal inglez, que se diz de Souza mas que é do diabo, foi naturalmente a causa d'essa molestia, impingindo-lhe gato por lebre sobre os taes direitos que pretende ter o dono do matadouro da Penha de abater bois e vender a carne sem pagar o menor imposto, sem licença, sem guias, sem cumprir nenhuma das formalidades legais do codigo das posturas e tendo perfeito conhecimento que só a Empresa de Carnes Verdes tem o direito, por lei e por contrato, de fornecer carne a esta Capital.

Si não foi uma tremenda indigestão produzida pelos felinos carapetões impingidos pelo tal inglez a causa de tamanhos disparates do juiz, devemos procurar outro motivo e é possivel que seja este:

Não é para estranhar que, apesar de illustrado, o nosso juiz não conheça a fundo a lingua ingleza, e não querendo dar a perceber sua aliás desculpavel ignorancia, foi dizendo *yes* a tudo quanto contou o inglez.

— Quem tem matadouro é para matar gado; não é verdade, Sr. juiz?

— Yes.

— Portanto, V. Ex. não póde deixar de autorisar o Nunes, da Penha, a vender carne.

— Yes.

— Si a Prefeitura se negar a enviar um medico para examinar a carne, naturalmente o Sr. juiz enviará um?

— Yes.

— Si os empregados da Prefeitura se oppuzerem á venda da carne por ordem superior, V. Ex. mandará a Prefeitura á fava e dará as suas ordens para mettel os todos no xadrez?

— Yes.

— E ácerca do medico que V. Ex. para lá enviar, si a Prefeitura não quizer pagar os seus serviços, V. Ex. os paga?

Aqui o juiz levantou-se precipitadamente, dizendo que ia dar ordens immediatas para executar tudo quanto pedia o tal inglez.

No dia seguinte, no açougue da rua Vieira da Silva n. 10, o agente da Prefeitura coronel Barros e seus guardas, que lá se achavam cumprindo ordens do pre

feito, foram preses pelo delegado da 16ª acompanhado de praças de policia e varios meirinhos representantes da justiça.

O coronel Barros foi mettido na cadeia e o açougueiro vendeu a sua carne de vacca fornecida pelo matadouro da Penhá, pois que assim o quiz o novo prefeito e juiz dos feitos da fazenda Dr. Moura Carijó, por ordem expressa do tal Sr. inglez dos diabos e da pilheria.

A continuar assim, é melhor mudar o titulo de juiz dos feitos da fazenda pelo de juiz dos feitos escandalosos.

O Dr. Moura Carijó só tem um remedio para sabir-se bem d'esse desgraçado feito.

Esperamos que cahirá em si e, reconhecendo ter sido enganado, cahirá igualmente sobre o tal inglez mettendo-lhe o cacetete.

Mas que grande pandego o tal Inglez de Souza, que tão bem armon este conflicto de jurisdição!

Quem pôde hoje tomar a serio os negocios d'esta terra?!

XIX OU XX SECULO?

Antes de tudo, esta pergunta torna-se necessaria:

Entrámos ou não no seculo XX?

Ha varias opiniões; uns dizem que sim e outros que não.

Esta divergencia dá-se—quem diria?—entre as proprias sumidades scientificas e sobre uma questão puramente de calculo, que, assim como a mathematica, é tudo quanto pôde haver de mais positivo e certo.

Isto é o que sempre ouvimos dizer tanto na escola como fóra d'ella pelos proprios mestres da sciencia dos algarismos.

Este anno começa, portanto, trazendo-nos uma seria complicação, o que prova que nada ha certo e positivo n'este mundo, nem mesmo as mathematicas.

Enfoncez messieurs les mathématiciens!

Este profundo golpe que acaba de soffrer a arithmetica, a principal victima d'essa divergencia, pôde trazer consequencias da maior gravidade, assim como outras de menor importancia, mas que nem por isso deixam de ser desagradaveis; por exemplo:

O meu alfaiate ou o meu sapateiro, cujos nomes não citarei para não offender modestias, mandam-me as suas contas e nas quaes apenas vejo o total.

(A maioria das boas festas recebidas actualmente são d'este genero!)

Não duvidando da honestidade d'estes dois cidadãos incumbidos do revestimento externo da minha individualidade, posso, todavia, duvidar da exactidão dos algaris-

mos sobre a quantia que da minha algibeira tem de passar para a d'elles.

Terão ou não errado a conta?

Pensarão ácerca de 1900 como Flammarion, ou como os que contestam este illustre sabio?

Ha, portanto, dois modos de contar e de sommar. Tudo depende do ponto de partida e da collocação dos algarismos; 3 e 2 são 5, assim como podem ser 32 ou 23.

N'esta questão do seculo XX uns começam a contar-o desde o primeiro segundo, minuto, hora e dia do anno 1º e outros tomam este como unidade.

Por ahi vê-se que as taes sciencias positivas deixaram de o ser, e estão hoje tão embrulhadas como tudo quanto ha n'este mundo.

Pois eu não quebrarei a cabeça em querer saber si estamos no fim de um seculo ou no começo de outro, nem si as contas do meu alfaiate e do meu sapateiro estão erradas. Pago e não bufo; podem mandar receber os cobres.

A S. CHRISTOVÃO

Essa companhia de bondes pôde se gabar de ter entre os seus directores typos de muita força!

Não diremos de tantos cavallos, como nas machinas a vapor, nem tão pouco de tantas bestas, pois que estas, afinal de contas, têm prestado muito melhores servigos á companhia que os taes directores, apezar de lhes terem surrupiado não pouca quantidade de milho e alfafa, para encherem as algibeiras de alguns espertalhões, diminuindo d'este modo a barriga dos pobres muares e igualmente os lucros dos encaiporados accionistas.

Profundamente escamados por um artigo cheio de verdades inspirado pelos factos occorridos ultimamente na administração d'essa companhia e que publicámos no n. 107 do *Don Quixote*, um dos directores, aconselhado talvez pelo seu advogado, cuja capacidade juridica pôde ser extraordinaria, mas cujo criterio deixa algum tanto a desejar, lembrou-se de chamar-nos a juizo, intentar-nos um processo para metter-nos na cadeia, fazer-nos julgar por algum jury *adrede* preparado, afim de sermos condemnados provavelmente a galés perpetuas, por não haver mais pena de morte, que com certeza nos applicariam para ensinar-nos a viver e a nunca mais censurar actos tão dignos e honestos como os que commetteram alguns directores em beneficio d'essa importante companhia.

Não sejam tolos, seria a unica resposta a dar.

Todavia, esperamos os acontecimentos.

Don Quixote.

P. S.—Por circumstancias independentes da nossa vontade, este artigo não pôde ser composto a tempo de sair no nosso semanario, n. 109, publicado hontem.

Não querendo por esse motivo demorar a entrega da nossa folha, que sempre é distribuida aos sabbados, resolvemos publical-o nos jornaes diarios.

N. B. — As pessoas timoratas que receiarem assignar o *Don Quixote*, julgando que o patrão corre o risco de ir parar na cadeia ou ser condemnado a galés perpetuas, por ter criticado os honradissimos cidadãos da Companhia S. Christovão que lamberam os cobres dos accionistas, posso assegurar que não correm o menor risco de serem privados da publicação do *Don Quixote*, e que este continuará, como sempre, a castigar todas as patifarias que se commetterem, com toda a liberdade, egualdade e imparcialidade.

SANCHO PANÇA,
Escudeiro de *D. Quixote*.

Por falta de espaço, não publicámos no nosso ultimo numero este artigo.

Desejando provar á intelligentissima directoria da S. Christovão que não somos insensiveis ao seu criterioso modo de proceder para connosco, não quizemos fazel-a esperar por muito tempo e fizemos publicar a nossa resposta, que é o artigo acima, nas columnas do *Jornal do Commercio* de 31 de Dezembro.

ESBOÇO HISTÓRICO DA CARNE VERDE

(Continuação)

Alguns mezes depois da scena que acabamos de descrever, via-se em um dos lados da praça da Republica e em frente á casa onde funcionava a Empresa do Lixo estranho espectaculo, algum tanto original e imponente.

Perto de quatrocentas carroças e igual numero de bestas e carroceiros á sua frente, achavam-se enfileirados ao longo da grade do jardim, dando o aspecto de interminavel fileira de carretas de artilheria.

Esse material, inteiramente novo, sahira das importantes officinas da Companhia Edificadora da Ponta do Cajú, pertencendo elle, com todos os quádrupedes e bipedes acima mencionados, á Exma. Sra. Empresa do Lixo, que impropriamente tomou o nome de Empresa Industrial, como si apanhar lixo nas ruas fosse alguma industria...

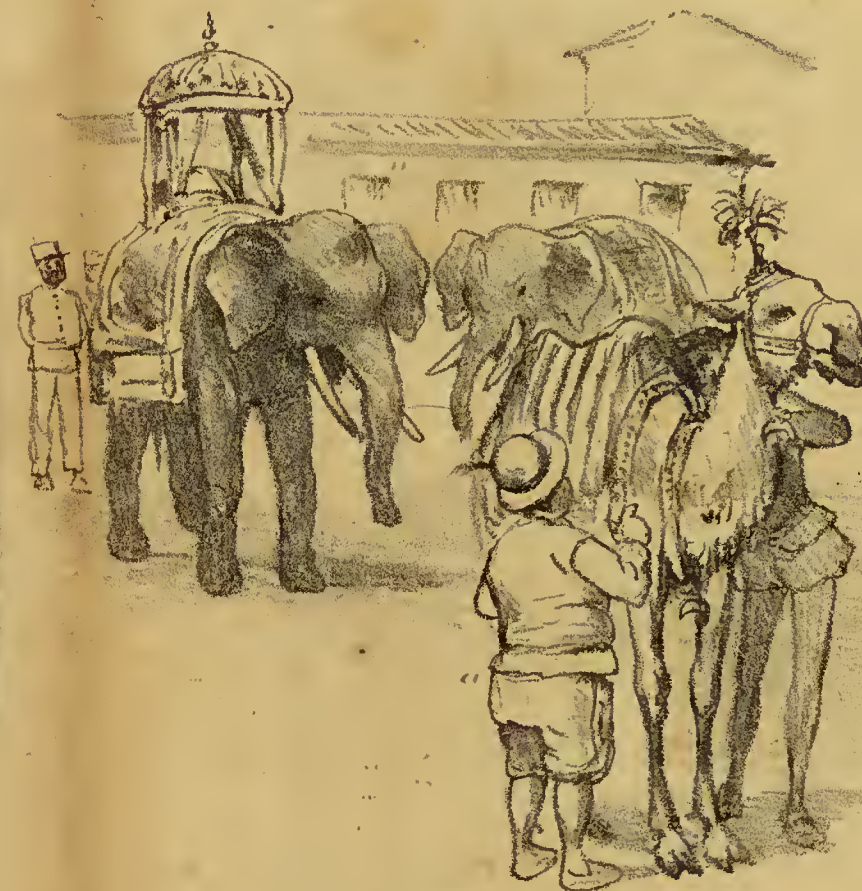
Esse nome achava-se estampado em todas as carroças e em todos os chapéos de carroceiros e empregados da tal empresa,



Fomos à policia e lá vimos os pobres reis Magos metidos no Xadrez! E eram os mesmos a que se referia a 'Gazeta'...



Procurámos o Chefe, que nos disse: Não sei se são gatunos disfarçados ou alguns pandegos que tomaram o dia de hoje pelo de Carnaval. Por causa das duas viadas guardei estas armas e os cofres. Se os Srs. vieram para sottat-os...
- D.Q. Certamente.
- Neste caso, é preciso que requeiram habeas-corpus



A bicharia dos Magos também estava presa; mas, afinal, graças à amabilidade do Chefe, conseguimos fazer sair o Camello, mediante fiança.

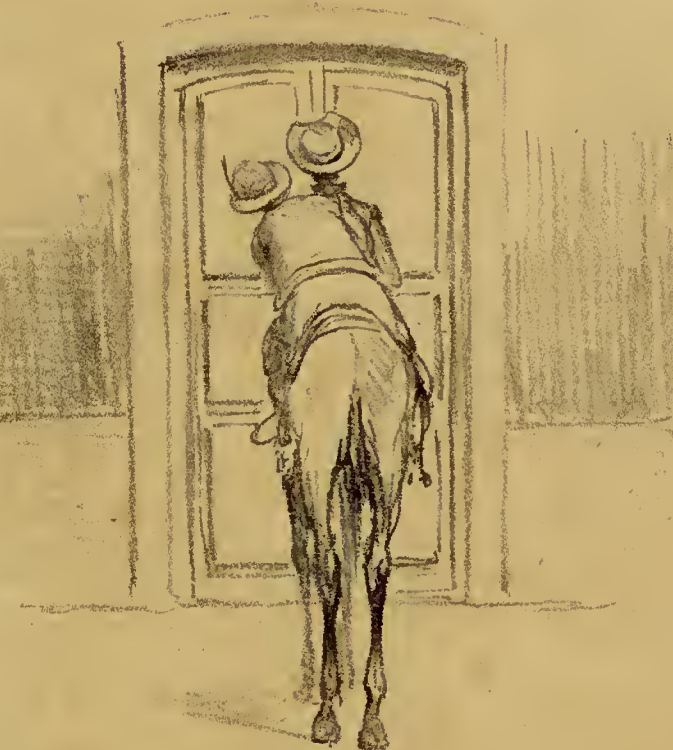


E, trepano na dupla corcunda, fomos a toda pressa à casa da Justiça para obter o habeas-corpus.



O juiz morava em S. Christovão. Ao passar pela estação do Mangue, duas bestas aliraram nos uns parés de couces, que felizmente não nos attingiram.

Ao passar por uma rua vimos um pandego sobraçando uma caixa e... S.P. Não falle, patrão, sino a atacarmos outro processo.



Afinal, chegámos à casa do juiz, mas a porta estava fechada!



Fomos ao Cattelê para fallar com o presidente, e lá a sentinella nos disse que elle partira na vespera para Petropolis. Resolvemos então procurar o prefeito.

que, apesar d'isso, sempre foi chamada pelo povo — Empresa do Lixo.

~~~~~

Como esta apenas entra como um incidente na historia da Empresa de Carne, deixamos de parte, por ora, alguns episodios semi-burlescos que com ella se deram, provocados não só pela antipathia com que foi recebida pela maioria da população, como pela manhosa politica da Prefeitura contra a asnatica e perdularia administração de seus directores, que nunca souberam fazer valer nem os seus direitos nem o seu contrato com a Municipalidade, acabando afinal por darem com os burros n'agua juntamente com as carroças e seus respectivos carroceiros.

~~~~~

Voltando ao assumpto e, portanto, á praça da Republica, onde havia todo aquelle apparatus bellico e em que as vassouras e as pás representavam as principaes armas do exercito do lixo, este, como dissemos, achava-se todo alinhado como em dia de parada.

De espaço em espaço, alguns individuos vestidos inteiramente de branco, tendo boné com galão na cabeça e que eram os chefes de turmas, cavalgavam gordas mulas, mais felizes com certeza que as da Companhia S. Christovão, pois que não viam o seu milho e a sua alfafa comidos pelos directores.

De repente o povo, que se agglomerara em frente ao lixoso exercito para contemplar-o, viu approximar-se um grupo, e, abrindo alas, deixou-o passar; alguns espinhaços curvaram-se respeitosos diante o alto personagem que vinha á frente do tal grupo, composto de alguns amigos e de muitos engrossadores, pertencentes á irmandade das sanguesugas.

Era o illustre chefe da Empresa da Carne Verde e que vinha visitar a sua protegida a Empresa do Lixo.

Chegando em frente á porta onde esta habitava e vendo um carro com uma bonita parelha de mulas, o chefe, que sempre teve um fraco por esses animaes, parou, olhou e perguntou com voz imperativa:

— A quem pertencem este carro e esta parelha?

— A' Sra. Empresa do Lixo, respondeu-lhe.

Uma pequena exclamação, um leve ah! sahiu dos seus labios ao mesmo tempo que cerravam-se as suas sobranceiras.

Um dos engrossadores, vendo-o assim carrancudo e suppondo que fosse isto devido a não ter elle gostado da parelha, disse: Parece-me que estas bestas não prestam...

— Quem não presta e quem é besta é o

senhor, respondeu-lhe, e, virando-lhe as costas, dirigiu-se para a escada que conduzia ao escriptorio da Empresa, seguido dos engrossadores, unanimes em reconhecerem na resposta do chefe uma graça toda especial e espirito finissimo.

Ao ver entrar o seu protector, a Empresa do Lixo levantou-se, correu para elle e, abraçando-o com effusão, disse-lhe: Meu bom amigo e protector, quanto não lhe devo!

Como pagar-lhe tantos obsequios, tantos sacrificios!

(Continua).

Visitas presidenciaes

Interessantes e pittorescas foram as ultimas visitas do Dr. Campos Salles, sempre feitas em companhia de seu ministro Dr. Murtinho e de seu secretario Dr. Cochrane.

Referimo-nos particularmente ás de Nitheroy, nas quaes tomaram parte o sympathico ministro da marinha, que por signal passou-nos um pito, e o 1º tenente Pedro Velloso Rabello.

Preferindo o fresco ao conforto, o Sr. presidente da Republica sentou-se á prôa da lancha *Olga*, formando-se logo um grupo em torno de S. Ex. com os personagens acima mencionados e os representantes da imprensa.

Alegria em todos os rostos e prosa animada durante a travessia da bella e esplendida bahia de Guanabara.

A *Olga*, além da sua machina, parecia ter azas; em um instante atracámos á fluctuante das barcas Ferry, na estação de Nitheroy, para a qual o Dr. Campos Salles pulou com a ligeireza de um joven de 20 annos. O mesmo diremos do Dr. Murtinho e do Sr. almirante Pinto da Luz.

(Nada de ciúmes.)

Antes de tudo e para não esquecer, notámos que ao atravessar a bahia apenas o Dr. Campos Salles ouviu as salvas dos navios de guerra, ficou meio surprehendido, parecendo até algum tanto contrariado.

Para que essas salvas?...perguntou.

São do regulamento, respondeu o ministro da marinha, apontando para o pavilhão que fluctuava; a despesa não é nenhuma, pois temos polvora em abundancia e, além d'isso, serve de exercicio para os marinheiros.

Voltando á fluctuante, lá estavam para receber o Sr. presidente os Srs. Migliora e seus socios, proprietarios da importante fabrica de phosphoros *Fiat Lux* marca *Olho*.

Depois de trocados os devidos cumprimentos, o Dr. Campos Salles e sua comitiva tomaram o bonde especial da Companhia

Cantareira e seguiu-se para a fabrica de baixo de uns vivas atreadores do povo, e sobretudo de um sem numero de crianças que corriam atraz do bonde.

Parámos um instante durante o trajecto para receber de um industrial francez, dono de uma fabrica de flores artificiaes, um lindo ramalhete, que elle offereceu ao Sr. presidente e um outro ao Sr. ministro da fazenda e alguns menores de violentas aos representantes da imprensa.

Chegámos finalmente á fabrica de phosphoros. O dia estava esplendido mas o calor desesperador.

Deixando aos collegas diarios a incumbencia da descripção da fabrica, limitamos a dizer, para dar idéa da sua importancia, que ella está montada para produzir diariamente 22 milhões de phosphoros ou 300 latas, contendo cada uma d'estas 1.200 caixinhas.

Emprega actualmente cerca de 450 operarios de ambos os sexos, sendo a maior parte crianças.

Durante o anno passado pagou de impostos de exportação ao Estado do Rio 80 contos e ao Thesouro Nacional 1.569 contos de réis de sellos.

Ao ouvir isto, o Dr. Murtinho sentiu verdadeira commoção e quasi pediu uma cadeira para se sentar.

Fabricas que prestam tão poderoso auxilio ao governo e empregam tanta gente, merecem bem a protecção official.

O auxilio mutuo é um dos principaes factores do progresso.

Em uma linda e espaçosa sala, que ninguém supporia ser a officina de funileiros, ricamente adornada e atapetada e em cujo tecto forrado com pauno branco e listras amarellas figurava o *Olho*, marca da fabrica, um esplendido almoço esperava os visitantes.

A' cabeceira da mesa, em fórma de U, sentou-se o Sr. presidente tendo aos seus lados os ministros, seguindo-se toda a comitiva e mais com pessoas, entre as quaes as familias dos proprietarios da fabrica, os Srs. Migliora e Scarsi, sendo este o principal chefe da importante fabrica e de quem o Dr. Campos Salles e o Dr. Murtinho receberam todas as explicações sobre o fabrico de phosphoros durante todo o tempo da visita.

Depois dos discursos de agradecimento pela honrosa visita feitos pelos Srs. Migliora e Scarsi e dos votos que o Sr. ministro da fazenda fez para a prosperidade da fabrica— (pudera... 1.569:000\$ de sellos) o Sr. Lacerda fez um brilhante discurso, acabando por dizer que não é só com os exercitos que uma nação conquista victorias, estas tambem as con-

segue a industria com as armas do trabalho.

Em seguida foram offerecidas ao Dr. Campos Salles e ao Dr. Murtinho duas ricas phosphoreiras de ouro com um brilhante formando a marca da fabrica, e outros 'éguaes, porém de prata, aos representantes da imprensa.

Ao deixar a fabrica todos sentiram-se penhorados pelo modo gentil e cavalheiresco de seus illustres e intelligentes donos.

No numero seguinte trataremos das outras fabricas.

OS SELLOS DO 4º CENTENARIO

A primeira festa propriamente dada pela Associação do 4º Centenario, bem que modesta na apparencia, foi das mais significativas, pois que tratava-se da emissão de 400 sellos gravados e impressos na antiga e muito acreditada lithographia de Paulo Bahia, hoje propriedade de Luiz Francisco de Pinho.

Foi n'esse estabelecimento que no dia 30 de Dezembro, ás 3 horas da tarde, reuniram-se para ver inutilizar as gravuras dos quatro diversos sellos do centenario os Srs. Dr. Severino Vieira, ministro da industria, o director geral dos correios, os membros da Associação do 4º Centenario e representantes da imprensa diaria e philatelica d'esta capital.

Aproveitando a oportunidade para visitar as officinas, o Sr. ministro da industria teve occasião de ver imprimir o *D. Quixote*, e nós egualmente a de poder-lhe offerecer, com todo o gosto, o primeiro exemplar d'essa edição.

S. Ex., acompanhado pelo Sr. Luiz de Pinho, que lhe deu varias informações sobre as diversas machinas applicadas á lithographia, percorreu todo o estabelecimento, louvando o seu proprietario pelos bellos trabalhos que n'elle se imprimem, louvores que egualmente recebeu da illustre comitiva.

Em seguida passou-se para o gabinete do Sr. Pinho, onde uma mesa bem servida esperava os convidados.

Depois de alguns bellos discursos regados com champagne, o Sr. ministro e a illustre comitiva retiraram-se, satisfeitos de verem realizada inteiramente e a contento de todos a importante e difficil impressão dos sellos.

Foi então que o Sr. Pinho deu signal aos seus operarios de chegarem-se á mesa. Escusado é dizer que esta foi tomada de assalto havendo vivas ao patrão e votos para que haja sempre centenarios.

UM CARTÃO ORIGINAL

Recebemos de Sua Magestade D. Malvino I um cartão gravado e pintado, representando uma allegoria que por mais que a gente procure adivinhar o que é aquillo, não pesca absolutamente nada.

A principio pensámos que era uma estampa especialmente feita para pregar em latas de goiabada; olhando, porém, com mais attenção, por meio do pince-nez que assestámos sobre a nossa penca, vimos que tem relação com o anno de 1900 do XIX ou XX seculo.

No centro apparece Phebus guiando quatro cavallos e tocando trombeta, o que é um verdadeiro disparate. Não consta que o sol tivesse quédá para a musica.

De um lado apparece uma mulher encostada a uma chaleira, a qual assenta sobre uma roda dentada e com azas (!) cousa nunca vista!

Não se póde referir á Industria, pois que a d'esta não tem azas.

Dois passarinhos voam por cima da dita mulher, carregando com a metade de um feijão pintado de encarnado.

Do lado opposto ha outra mulher que tem uma estrella na cabeça e duas bombas, naturalmente sem fel, segurando uma fita sobre a qual assenta uma corôa.

Ha de ser naturalmente a de S. M. D. Malvino I.

Ainda não pudemos descobrir o que significa toda aquella trapalhada.

Pedimos, portanto, a S. M. que nos queira honrar com a sua presença para explicar-nos o que quer dizer aquillo.

Quanto ao mais, obrigado pelos seus cumprimentos e pelas boas palavras que lemos por baixo do referido cartão.

BOAS FESTAS

O espaço de que dispomos é tão pequeno que não nos é possível mencionar um por um os nomes dos distinctos cavalheiros e illustres corporações, tanto do exercito como da armada, que nos honraram com seus cumprimentos de anno bom.

Summamente penhorados e agradecidos, o nosso chefe Angelo Agostini e toda a redacção fazem votos para que esses distinctos e amaveis cavalheiros gozem da maior ventura e felicidades n'este anno de 1900.

NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

O RIO DE JANEIRO EM 1900, por Ferreira da Rosa. Brochura de 530 paginas fóra os annuncios, tratando das industrias e outros assumptos interessantes de que com vagar nos occuparemos.

A CAPITAL FEDERAL, de Anselmo Ribas (Coelho Netto) que acabámos n'este instante de receber. Não precisamos ler o que ali está escripto para recommendar esta brochura aos nossos leitores; é do Coelho Netto e basta.

A AAZENDA DO PARAISO, por Arthur Guimarães. Scenas da vida commercial.

Ainda não sabemos o que é, por não ter lido ainda. Essa brochura, que parece ser bem interessante, ficará para depois.

OCCULTAÇÕES, do Sr. L. Cruls. Trata das estrellas e da lua.

Deve ser muito interessante para os sabios em vista dos mappas e calculos algebricos que este livro contém. Como não entendemos patavina d'essas cousas, basta dizer que o autor é o Sr. Cruls para recommendar-se por si mesmo.

FOLHINHAS

Dos Srs.:

FERNANDO FREIRE & C., proprietarios da *Papelaria União*, da rua do Ouvidor n. 43. Duas lindissimas folhinhas representando quatro jovens encantadoras dentro de uma concha, impressas em chromo-lithographia e dois soberbos blócos cujos numeros podem se ver a meia legua de distancia e com o nome do *D. Quixote* impresso tanto nas folhinhas como n'estes, o que constitue especial fineza dos amaveis remetentes.

PACHECO, LEAL & MOREIRA, importadores de carvão de pedra. Um bellissimo chromo representando uma gentil menina quasi de tamanho natural e tendo por fundo uma rica moldura recortada a jour.

MARTINS & C., proprietarios da lithographia e typographia da rua do Hospicio n. 170. Uma allegoria representando o commercio em chromo-lithographia.

Si o desenho fosse tão bom como a impressão teriam os nossos maiores louvores.

Tres folhinhas de genero especial, da fabrica de phosphoros nacionaes em Mendes.

Dos Srs.:

FREIRE, CORRÊA & GOULART, proprietarios da importante fabrica de chocolate *Moinho de Ouro*, diversas amostras do seu excellente chocolate, fabricado na rua Luiz de Camões n. 2.

FILGUEIRAS & CANEDO, proprietarios da *Loja da Ferronia*, de chá e cêra, á rua do Rosario n. 33, tres carteirinhas com espelhos e pentes, muito bonitas.

VIUVA PARADEDA, por intermedio do Sr. Eugenio Flores, seis frascos do seu muito acreditado e benefico remedio intitulado *Sabão Russo*.

O officina de obras do JORNAL DO BRASIL



Desta vez encontramos o prefeito, mas de que modo! Até o nosso camello espantou-se!

Prefeito. — Hei de inutilisar esta carne, ilegalmente vendida.

Juíz dos F. da F. — Pois eu não quero! Quem manda sou eu.

Prefeito — Está enganado, isto não é da sua competência.

D. Q. — Que diabo é aquillo?
S. P. — É o que se chama um
conflicto de jurisdicção...



Voltando à policia, vimos
o Malvino que, sabendo da
prisão dos reis Magos, lá fôra
vel-os... Hum!
Desconfiados, escutámos.

Malvino. — Pobres reis! Metteram-n'os
no Xadrez, como se fossem vagabundos!
Estes republicanos são muito canalhas!
Nenhuns de vocês querera aceitar a
corôa do Brasil?
Os tres Magos. — Deus nos livre!

Sempre conseguimos
que fossem postos em
liberdade as tres victimas.
Guardaram as armas lhes
restituiram os seus cofres.



E assim conseguiram satisfazer
seus desejos. Viva, pois, o dia de Reis!

— Ora, ahí está: com este negocio de Magos,
deixámos de tratar do nosso jornal...
S. P. — A culpa não é minha, é do Julião Machado.